

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA

Patrícia Borba da Silva

Olhando e aprendendo com o Xuxa Só Para Baixinhos:
As imagens que “educam”

Porto Alegre, 2013/1

Patrícia Borba da Silva

**Olhando e aprendendo com o Xuxa Só Para Baixinhos:
Imagens que “educam”**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para aprovação e conclusão do curso de Pedagogia – Licenciatura, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Professora Dr. Fabiana de Amorim Marcello

Porto Alegre, 2013/1

Agradecimentos:

Para chegar em algum lugar é preciso caminhar, mas mais importante que isso é ter com quem contar para se chegar lá.

Por isso quero agradecer aqueles que estiveram ao meu lado, me apoiando da forma que podiam, da forma que sabiam.

Agradeço primeiramente a duas pessoas, que por motivos da vida – e como a vida tem seus motivos – foram impedidos de trilharem seus caminhos através da escola, mas que nem por isso deixaram de me apoiar um minuto. Foram meus maiores exemplos e sempre serão. Muito obrigada pai e mãe por tudo que são e por tudo que me tornaram.

Agradeço ao “laia”, foi mais que um irmão, foi amigo, companheiro, conselheiro, às vezes pai, as vezes chato, mas fez de mim muito do que sou hoje.

Agradeço as amigas que conquistei durante a graduação. Foram e sempre serão muito especiais. Me ajudaram, me escutaram e me apoiaram nessa caminhada. Dividiram comigo angústias, tristezas e muitas alegrias. Obrigada “migas”.

Agradeço também as colegas de trabalho, que se tornaram amigas especiais. Que além do apoio que dedicaram, também tiveram paciência e ombro amigo pra me oferecer as horas difíceis. Muito obrigada!

Agradeço também as amigas e amigos de outras caminhadas, que tiveram paciência comigo e compreenderam a minha ausência, e que continuaram a me apoiar mesmo com a falta, mesmo com a distância. Amizades verdadeiras, obrigada!

Agradeço também aos familiares mais próximos que sempre buscavam dar seu apoio nessa jornada.

Agradeço aos professores e professoras de outras jornadas que me fizeram trilhar passos para que eu chegasse até aqui.

Agradeço as professoras e professores que tive na UFRGS, que me ensinaram e auxiliaram durante a graduação.

Agradeço a minha orientadora pelo carinho e disposição dedicados a mim desde o estágio curricular. Muito Obrigada!

RESUMO:

O presente trabalho é resultado de inquietações surgidas no estágio curricular, realizado com turma de Jardim com crianças de 4 e 5 anos, sobretudo, no que se refere à recorrência de um mesmo universo visual hoje oferecido às crianças. O objetivo da pesquisa, assim, volta-se para uma preocupação acerca dos produtos que hoje permeiam, insistentemente, o cotidiano de crianças pequenas. Deste modo, busca analisar um artefato cultural – Xuxa Só Para Baixinhos – atentando para as imagens que o compõem e, mais do que isso, para os conceitos de “educação” e de “pedagógico” nele veiculados. Metodologicamente, foram selecionados três DVDs da série, cada qual focalizando um momento da série (que conta hoje com 11 DVDs, num espaço de 11 anos). Ou seja, foram analisadas as edições XSPB1, XSPB5 e XSPB11 – de modo a perceber, longitudinalmente, de que modo esses materiais foram se construindo e, também, se modificando. Para dar conta das análises, a pesquisa toma como base as discussões sobre cultura visual – tal como tratadas por Cunha (2005) e Hernández (2005), sobre o conceito de pedagogias culturais e, ainda, sobre a relação entre mídia e infância contemporânea. Como conclusões, pode-se dizer que as imagens desses artefatos culturais educam pela repetição e tornam-se parte do processo de produção cultural.

Sumário:

INTRODUÇÃO.....	4
CAMINHOS QUE SURGEM NO CAMINHAR.....	9
A “RAINHA DOS BAIXINHOS”.....	12
MÍDIA E INFÂNCIA.....	16
Mídia e educação.....	16
Infância e mídia.....	18
CULTURA VISUAL.....	20
A presença das imagens no universo infantil.....	21
OLHANDO E APRENDENDO COM O XSPB:	
AS IMAGENS QUE “EDUCAM”.....	24
O contexto da pesquisa.....	24
Imagens que educam.....	25
Educação X Repetição.....	27
A(s) Infância(s).....	30
CONTRIBUIÇÕES COM OUTRAS NARRATIVAS.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	34
REFERÊNCIAS.....	35

Introdução:

Vivemos em um mundo cercado por imagens, e essas imagens passam a fazer parte de nós, passam a nos compor como sujeitos. Desse modo proponho uma reflexão e análise à imagens que compõe o campo da Educação, que a partir de artefatos culturais se relacionam com nossos alunos e entram em nossas salas de aula.

Dessa forma, me interesso a compreender as relações que são tecidas entre a imagem e quem a vê. E que modo elas vão “construindo” modos de “educar”, percebendo quais conceitos ali representam a Educação, e como ser professora é compreendido nesse contexto.

Para tanto me proponho a uma análise a partir dos estudos das pedagogias culturais, me interessando pelo campo da cultura visual, fazendo relações e estabelecendo associações a partir da análise do material Xuxa Só Para Baixinhos (análise essa que é feita temporalmente, a partir do dvds XSPB1, XSPB5, XSPB11)

Assim, distribuo a escrita deste trabalho em pequenos textos que se complementam, dando sentido a esse olhar perante ao mundo visual que se cria e recria ao mesmo tempo em que nós nos criamos e nos recriamos no meio.

Assim, inicio essa escrita fazendo algumas reflexões que me fizeram chegar aonde estou. No texto *Caminhos que surgem no caminhar*, procuro mostrar minha caminhada na docência, os passos que me fizeram chegar onde cheguei e como os estudos sobre Cultura Visual tomaram força em mim e me fizeram adentrar nessa campo. Procuro mostrar o que foi mais tocante, principalmente no meu estágio curricular da sétima etapa que me fez querer compreender as relações da nossa cultura visual com o campo da Educação.

No texto: *A rainha dos baixinhos*, procuro contextualizar a figura com a qual trabalho nesta escrita: a Xuxa. No texto, faço uma retomada da sua constituição como “rainha”, mostrando como ela vai se tornando essa figura e que se perpetua durante anos. Também, procuro mostrar como ela se configura e se modifica com o passar do tempo, mostrando que o material, o qual coloca sua imagem novamente voltada ao público infantil, surge após ela ser mãe.

Já em *Mídia e Infância*, procuro discutir sobre a relação mais ampla entre mídia, infância e educação. Mostrando que hoje a mídia é grande responsável pela circulação de sentidos no meio e sendo reconhecida como um espaço que também educa. Assim, busco mostrar as relações entre mídia e educação, percebendo – principalmente – a televisão como espaço educativo, onde se tecem relações; após busco mostrar as relações que se tecem entre mídia e infância, mostrando que a infância tem se modificado e a mídia faz parte (também) desse processo de mudança da infância.

Adiante, no texto *Cultura Visual*, procuro, num primeiro momento contextualizar esse campo de estudos, após faço relações entre esse campo e nosso meio, nossa cultura visual. Assim, busco mostrar que as imagens do nosso meio também nos constituem; desse modo procuro mostrar o quanto as imagens tem importância em nossas vidas e produzem nossos modos de ver e estar no mundo, nos posicionando e nos constituindo como sujeitos.

A partir dessas relações que teço, entro a mídia, educação e Cultura Visual, faço uma análise temporal do material XSPB, que encontra-se no capítulo: Olhando e aprendendo com o Xuxa Só Para Baixinhos: as imagens que “educam”. Neste capítulo busco analisar essas imagens diante de tudo que foi dialogado anteriormente, pagando como eixo três pontos levantados na discussão: Educação, Infância e o de Mãe-educadora, que surge ao longo da análise, mas que também se vincula aos estudos de Mídia e Educação e do campo de Cultura Visual. Assim, apontando que o conceito de infância contemporânea ainda convive com o conceito de infância moderna no mesmo material, e que o conceito de educação é compreendido por uma Pedagogia tradicional, que se efetiva através da repetição; e o conceito de Mãe-Educadora aparece, mostrando que a Xuxa faz esse material porque ela é mãe, e embora não diga que se denomina educadora, as imagens, as ações e o modo como constrói o XSPB, e o que ela fala sobre o material, leva a perceber que se trata de uma mãe “querendo” “educar” outras crianças.

Assim, trago como minhas considerações para a relevância de se compreender os novos tempos no qual uma nova infância surge, fazendo perceber que educação se relaciona com todos os âmbitos do meio, sendo assim a cultura visual se entrelaça a educação, precisando ser discutida e refletida, porque se compreende que ela também constitui sujeitos. Falo sobre

a importância do Campo de estudos em Cultura Visual e Educação para uma formação mais reflexiva dos sujeitos a partir do que estão vendo.

Caminhos que surgem no caminhar...

*“Vamos duvidar de tudo que é certo (...)
E o que não for possível, a gente inventa”*

Não haveria, pra mim, outra forma de pensar como fui me constituindo docente se não a partir da música *Pose* dos Engenheiros do Hawaii, repensando o que é dito como certo, caminhando por outras possibilidades.

Muitos dizem que só construímos o caminho ao caminhar, que as estradas só surgem quando passamos por elas. Acredito que seja por aí, justo eu que sempre achei que poderia trilhá-las antes, planejando tudo.

Durante meu estágio na sétima etapa, pensei que fosse viver só o planejado – afinal, passei três anos na UFRGS aprendendo a planejar, mas aí descobri que o caminho está no caminhar. Principalmente quando falamos de docência.

Sempre gostei do trabalho com crianças. Desde minha formação inicial, lá no magistério, focava meu olhar aos aspectos da docência voltados pra educação infantil. Encanta-me a docência nessa etapa. Do magistério para a graduação em Pedagogia o desejo não diminuiu, continuei a me interessar por este campo de estudos, e sempre que podia me focava em estudos que se voltassem pra educação Infantil.

Na minha sétima etapa do curso de Pedagogia, realizei o meu estágio curricular, e novamente me voltei a Educação Infantil. Hoje, posso afirmar que foi uma das melhores e mais ricas experiências da minha vida, pois pude me redescobrir como docente e descobrir um pouco mais desse mundo encantado que é a Educação Infantil.

Durante o período de estágio, com o auxílio de minha orientadora percebi o quanto as imagens vão compondo o nosso universo, fazendo-me perceber que elas interagem com quem somos, vamos nos compondo a partir daquilo que vemos. Não somos moldados por elas, porque não aceitamos a tudo que vemos, nem recebemos as imagens a nossa volta sem nenhuma reflexão, mas aos poucos vamos nos construindo e elas fazem parte dessa construção.

Durante meu estágio, percebi que as salas de Educação Infantil são recheadas de imagens, assim como nossas vidas fora dela, as imagens estão presentes a todo instante, em todos lugares.

É importante pensar como nos utilizamos delas, como questionamos o que vemos? Pois não é porque enxergamos que as imagens existem, é preciso que saibamos dialogar com elas. Nossa relação com o que enxergamos não é linear, vindo e sendo absorvido, existe um espaço aí e é aí que muito se faz, é nesse espaço que nos constituímos, que criamos nossas relações com o mundo.

Nesse sentido, busquei referência no meu estágio, no que vi, vivi e senti durante a sétima etapa para me aprofundar mais durante o meu trabalho de conclusão. Pois acredito que não me basta ter vivenciado aquela experiência de aprendizagem, se fazia necessário explorar mais o tema, conhecer e estudar mais sobre, percebendo as relações que se tecem.

O universo da educação Infantil é tão singular e tão plural, que novas inquietações vem à tona de tempos em tempos. Foquei-me em um trabalho que tem estado cada vez mais presente nas minhas salas de aula: o trabalho relacionado com cultura visual e mídia.

Acredito que as inquietações devem estar sempre presentes na função docente, nos fazendo repensar a própria prática. E pensar a relação das imagens com a educação me inquieta, me instiga a pensar e refletir como estas se relacionam com a educação, como fazem parte da construção dos sujeitos.

Desse modo, busquei refletir sobre as imagens – que não somente estão nas salas de aula – mas as imagens que também foram me constituindo, como sujeito no meio e também como docente, porque as imagens vão dialogando com a gente, com algumas nos identificamos mais, outras nem tanto e outras – talvez por não fazerem parte do nosso meio – nem nos tocam.

Por todas essas relações, utilizei como minha epígrafe um trecho da música Pose, da banda Engenheiros do Hawaii, porque me redescobri a partir do que vi, percebendo que nem tudo deve ser de um único jeito, podemos criar outras formas e outras possibilidades.

As imagens não são estáticas, que não podem ser “modificadas”, mas é preciso que haja essa percepção, que saibamos que precisamos nos relacionar com o que vemos, mas que não precisamos aceita-las de uma única forma, de

um único jeito, porque se fosse assim, os museus não fariam sentido, o teatro, e tantas outras formas de expressão.

As imagens se entrelaçam a nossas vidas, sim! Mas o jeito com que elas vão se constituindo sobre nós, somos nós que ditamos. O caminho que nós percorremos se faz pelo eu enxergamos, mas também pela forma como nos posicionamos perante ao que enxergamos. E aí está uma grande tarefa, que nós professoras temos: levar nossos alunos a perceberem o que os constitui, levando-os a refletir sobre as imagens que vão constituindo-os.

No texto: *A rainha dos baixinhos*, procuro contextualizar a figura com a qual trabalho nesta escrita: a Xuxa. No texto, faço uma retomada da sua constituição como “rainha”, mostrando como ela vai se tornando essa figura e que se perpetua durante anos. Também, procuro mostrar como ela se configura e se modifica com o passar do tempo, mostrando que o material, o qual coloca sua imagem novamente voltada ao público infantil, surge após ela ser mãe.

A “Rainha dos Baixinhos”

Maria da Graça “Xuxa” Meneguel, surge na mídia televisiva nos anos 80 como modelo, e logo torna-se apresentadora de programa de televisão voltado ao público infantil. Nesse trabalho, torna-se muito conhecida até os dias atuais.

A figura da moça que era modelo antes de tornar-se apresentadora acaba popularizando-se no meio televisivo. Nos anos 80 essa carreira inicia: um programa voltado ao público infantil; uma apresentadora com seu figurino e de pano de fundo os seus “baixinhos”. Nesse período, poucos ou pouquíssimos programas, eram direcionados ao público infantil na televisão brasileira, e os que existiam traziam como apresentador crianças e adolescentes.

Xuxa é o foco da tela da televisão, ela é colocada no centro e ao seu redor ficam as crianças. A sua imagem vai sendo construída nesse contexto, Sodré, 1989, escreve o artigo: “Xuxa de neve e seus baixinhos”, ali ele faz uma argumentação sobre a montagem da figura “Xuxa”; fazendo uma associação em seu texto entre Xuxa e seus baixinhos com um conto de fadas: “Branca de neve e seus anões”. Assim, mostra seus argumentos referentes a construção do personagem, a figura que ela passaria a representar naquela época. Mostra que cada aspecto na formação de seu programa tem uma relação – principalmente na relação branca de neve e os anões com Xuxa e seus baixinhos: ‘O convívio de Branca de Neve com os anões forma a parte central da narrativa; Branca de neve e os anões, Xuxa e seus baixinhos.’ (SODRE, 1991, p.12)

Essa figura – Xuxa – se constrói e se consolida a partir dessa relação: Adulto/criança – Xuxa/baixinhos. Sendo assim, a sua figura é a de “bela” pois sua beleza “adulta” se impõe a beleza infantil, mas não desligada de seu lado sexual, que é marcado nas características que a vão constituindo, pois embora o programa seja infantil, ele tem marcas subjetivas para abordar o corpo e a sexualidade da mulher adulta, mas ali no programa Xuxa é uma figura, um símbolo “sem sexualidade real” (SODRE, 1991). Ali, ela se compõe como bela, sempre jovem e bonita, pois ao seu redor as crianças tem sempre a mesma idade – afirmando a beleza de sua rainha, Sodre comenta quanto a isso que: “O que Xuxa de neve sugere mesmo é um tipo de sensualidade do visível, da

personalidade narcisista; ente de um mundo onde não penetra o passar do tempo: Xuxa sempre é jovem (...)" (SODRE, 1991).

Xuxa vive essa dualidade entre a imagem de mulher-criança e a mulher sensual. Sendo assim, sua figura se torna "Dessexualizada" conforme comenta Barros em seu texto, intitulado: "Xuxa, a deusa da infertilidade", afirmando que não é "á toa" que sua figura se torna "dessexualizada", pois ela é quem intermedia seu "show", vivendo as tensões e conflitos do cotidiano. Ali, "Xuxa não é senão um intervalo" cita Barros, falando que ela vive ali o meio termo entre as tensões e os conflitos e ela é a possibilidade, pois os desenhos mostrados durante seu programa trazem o conflito. Ela é ali a caracterização da ação passiva para seu público, e Barros, em seu texto, faz uma relação dessa ação passiva a um modelo ideológico: "O Xou da Xuxa, como todos seus concorrentes infantis, cumpre apenas uma função ideológica para o público infantil das classes subalternas: adequar passivamente a grande maioria(...)" (1989, p. 18)

Percebe-se que Barros faz uma ligação entre a televisão e a educação, ele mostra uma relação existente entre o que se assiste e se aprende, nesse caso específico da educação advinda de um programa, advinda de xuxa aos seus baixinhos. O programa da Xuxa tem forte vinculação à classes não tão favorecidas economicamente – programa esse que é vinculado diariamente na mídia televisiva, exibido em canal aberto em horário acessível a criança, geralmente no turno da manhã - e "massageia a criança pobre", pois com seu programa começa a adequá-la ao mundo, as suas rotinas de mercado e de trabalho, porque quando adultas essas crianças terão que trabalhar. E, essa é uma ideia da sociedade moderna – quando se liga educação a controle das massas, doutrinando-os com rotinas e modos a serem seguidos no mundo, posteriormente. E Barros mostra essa relação entre o personagem da Xuxa e "sua função ideológica para o público infantil das classes subalternas."

Com essas relações, percebe-se que os programas da Xuxa são criados com uma intencionalidade, e o personagem (Xuxa) é criado e moldado para se tornar a figura que acaba se tornando ao longo do tempo: "a rainha dos baixinhos", que vai "educando-os" dia após dia em seus programas.

Nos anos 90, Xuxa passa por uma transformação: Ela torna-se mãe, reforçando sua imagem ligada às crianças, agora ela não é só uma figura

ligada ao público infantil, ela também é mãe. A figura que ela representa agora se entrelaça ao seu papel social, pois ser mãe representa seguir um papel socialmente construído: Mãe cuida e educa! Xuxa cuida e educa!

Nesse período seus programas acabam sendo reformulados, o Xou da Xuxa termina e ela cria um novo programa para o público infantil, o Xuxa park, como uma estrutura bastante parecida a do Xou. Alguns anos depois o quadro Hits que é apresentado no xuxa park vira um programa que é apresentado aos domingo a tarde, esse programa diferencia-se pois não é voltado ao público infantil, agora seu público alvo são os adolescentes e as famílias. Então, nesse período ela é dividida entre a Xuxa dos baixinhos e a Xuxa pros adolescentes e pra família.

Ela vive, nesse período, um processo de “renovação” e seus programas dirigem-se a todos: de segunda a sábado aos pequenos e nos domingos a família e aos adolescentes, um programa mais “jovem”.

Nos anos 2000, passa por um novo processo de renovação de sua imagem, seus programas na televisão terminam. Então, agora ela inicia um novo projeto: o Xuxa Só Para Baixinhos, que é um trabalho voltado especificamente para as crianças – aqui há uma nova proposta, pois é um material que não é transmitido na televisão, ele precisa ser adquirido, mas sua base mantém-se a mesma: Xuxa é a figura central e seus baixinhos compõe o cenário.

Esse tipo de material que Xuxa se propõem a fazer agora surge após ela se tornar mãe. Esse projeto voltado para as crianças pequenas surge nos EUA e são copiados pelo resto do mundo, e se trata de um material que utiliza de músicas para “ensinar” a criança que escuta. Xuxa, revela ter conhecido esse material em viagens realizadas com sua filha, e diz ter “desejado” fazer esse tipo de projeto, afinal seus baixinhos dos anos 80 e 90 já estavam crescidos agora, e sua imagem se constrói e se renova em cima de trabalhos voltado para crianças. Xuxa relata em uma propaganda vinculada na Rede Globo: “Eu quero fazer uma coisa legal dirigida só para os baixinhos (...) quero que as crianças curtam e aprendam.” (2000).

Assim, coloca em prática o projeto XSPB, que é vendido e não vinculado na televisão diretamente, porque indiretamente há a vinculação na televisão através de propagandas anunciando o material, uma característica

diferenciada, pois para assistir a esse vídeo é preciso comprá-lo, então ele não é um material dirigido a todas as massas, pois tem valor financeiro para poder assisti-lo. Durante 11 anos o projeto se perpetua, sendo lançado um a cada ano. Ali há músicas populares de folclore, como músicas novas, inseridas para comporem a ideia do projeto. Nele não há também o auxílio de suas paquitas, mas Xuxa tem o auxílio de seus baixinhos, que compõe o cenário de cada dvd.

Infância e mídia

Nesta sessão, meu objetivo é discutir a relação mais ampla ente infância, mídia e Educação. Para isso, inicialmente, busco promover uma discussão mais ampla entre mídia e educação; em seguida retomo a discussão partindo das relações que se tecem sobre a infância contemporânea marcada por uma presença da mídia.

Início a discussão falando sobre a presença da mídia hoje e como ela vai nos constituindo. Sabe-se que atualmente a mídia tem sido grande responsável no processo de circulação de sentidos em nosso meio, com isso, não há como negar seu papel na produção de significados. A mídia tem estado presente na nossa constituição como sujeitos, e mais ela tem estado presente na forma como percebemos o mundo e vamos construindo significados para ele.

Assim, reconhece-se a mídia como um espaço educativo, pois atualmente a educação é concebida como um conceito que se amplia para os mais diferentes espaços, e no caso deste trabalho, reconhecendo a mídia como um espaço que “educa”, produz sujeitos – não por conhecimentos curriculares – mas por formas, modos de agir, ensinando a “ensinar”, ensinando a educar, e no caso específico desse trabalho, a Xuxa.

MÍDIA E EDUCAÇÃO:

Vivemos novos tempos, tempos de grande volume de informações, e as crianças têm cada vez mais acesso a essas informações, seja pela mídia – principal responsável por levar essas informações – seja pela internet, outdoor, revistas, filmes.

As crianças, de um modo geral, têm acesso a esses meio de comunicação de massa, e muitas delas, passam grande parte de seu tempo assistindo seus programas preferidos, interagindo com a mídia, e assistem a tudo que se produz sobre/para a infância. Assim para Rosa Maria Bueno Fischer, (2006, p.16)

A TV – poderíamos dizer – opera como uma espécie de processador aquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que “tudo” deve passar por ela, “tudo” deve ser narrado, mostrado e significado por ela. Não há dúvidas, por exemplo, de que a TV seria um lugar privilegiado de aprendizagens diversas; aprendemos com ela desde formas de olhar e tratar nosso próprio corpo até modos de estabelecer e compreender diferenças de gênero (isto é, de como “são” ou “devem ser” homens e mulheres) diferenças políticas e econômicas, étnicas, sociais, geracionais.

Dessa forma, como já foi comentado antes, as crianças aprendem não somente na escola, mas também fora dela.

A mídia, na cultura contemporânea, tem “regulado” significados, valores e gostos, ficando – as crianças – sujeitas a processos educativos estabelecidos também pela mídia. FISCHER propõe uma discussão entre mídia e educação, compreendendo, que hoje – principalmente – muitas das relações que se tecem no âmbito social, resultam de relações estabelecidas pela mídia.

FISCHER (2008, p.26) argumenta que: “(...) essa coisa chamada mídia e que parece “fazer” alguma coisa no currículo, na educação, na formação de modos de ser infantil, adolescente, adulto, mulher, negro, doente, orientado, etc.”

Assim, percebendo que a mídia influi em muito nos modos como nos tornamos sujeitos no meio social, mas que essa relação não é uma relação linear, fazendo com quem assista torne-se o que vê; há trocas entre o que é produzido e quem assiste o que é produzido. Pois como FISCHER (2008, p.28) cita: há um “jogo de interioridade e de exterioridade que diz respeito a ato de ver, de receber imagens e operar sobre elas (...)”

Portanto, as imagens da mídia não são recebidas de forma linear, há uma relação entre quem vê e o que é visto, mas de algum modo essas imagens acabam afetando a quem vê, porque muitos se identificam com o que enxergam, e alguns suprem suas faltas e desejos naquilo que enxergam. Ainda assim, nem tudo que é visto é recebido. O nosso olhar perante aquilo que vemos é que vai resultando em ações, FISCHER (2006, p.53) argumenta que: “o simples olhar depositamos sobre as imagens carrega sempre a possibilidade de fazer algo com elas”.

Aquilo que sentimos ou fazemos a partir do que vemos, ocorre porque nos dispomos a receber, porque nos identificamos com aquilo que vemos.

Vamos percebendo o mundo a partir do que enxergamos, percebendo que olhar e mundo não se separam (FISCHER, 2006).

Assim, as imagens que nos tocam e nos afetam, são imagens que também estão presentes no cotidiano escolar, por isso é preciso que o trabalho com essas imagens sejam trabalhadas de modo a construir experiências para aqueles que assistem. FISCHER (2008, p.33), fala quanto a esse trabalho, argumentando que:

“Trata-se de fazer com que esse conceito se torne vivo, operante, ágil, a mobilizar perguntas, a sugerir caminhos, a problematizar essa prática cotidiana de aprender gostos, de educar o olhar, de selecionar informações, de incorporar gestos, modulações de voz, jeitos de enxergar os tantos outros com quem vivemos ou de quem temos notícia”.

Assim, fazendo com que o que se assiste se torne parte da experiência, não somente visual.

INFÂNCIA E MÍDIA:

Atualmente, vivemos novos tempos, assim, cabendo pensar que a infância não é mais a mesma. Mariângela Momo propõe uma discussão, fazendo pensar no novo tipo de infância que temos nos deparado, a infância que sofre influência da mídia. Leni Vieira Dornelles fala sobre essa nova infância em seu texto: “Artefatos culturais: Ciberinfâncias e crianças zappiens”, falando que hoje a produção cultural influi na cultura infantil atual, gerando um novo tipo de infância, uma infância que é afetada pela internet, por desenho, filmes, revistas.

A infância tem sido cada vez mais alvo da mídia, construindo novos consumidores e gerenciando a infância, DORNELLES (2012, p.82), fala que: “Não se pode esquecer que, em muitos casos, o controle e os modos de ver as crianças passam pelas formas como se produzem seus corpos, gerenciados e governados (...)”

Compreendendo, deste modo, que as crianças tem vivido uma outra infância, a infância contemporânea. MOMO (2012) fala que: “Essa nova infância é aquilo em que as crianças vão se tornando no interior dessa cultura” (p.43)

E, essa nova infância faz parte de uma cultura que sofre influências da rede midiática, principalmente a de consumo, conforme MOMO cita, que: “mobiliza desejo, estimula a imaginação, cria necessidades, padrões de exigência, significados (...) e práticas que são compartilhadas.” (2012, p.36)

As crianças, compartilham muito dessas práticas nas escolas, onde convivem, lá também são expostas a uma diversidade de imagens que também fazem parte do mundo contemporâneo. Nas salas de aula as crianças levam e trocam um diversidade de imagens, seja em suas roupas, nos materiais ou em seus brinquedos, que são do homem-aranha, da barbie, ou outro que seja a “onda do momento” (MOMO, 2012).

O consumo tem invadido o mundo das crianças, a partir da mídia. O que se consome em produtos, ou os ícones que se tornam “febre” de consumo, surgem em programas, desenho, ou filmes voltados ao público infantil. Assim, a escola se torna um espaço onde esses ícones são partilhados com seus colegas, reforçando o desejo de mais produtos por essas crianças.

Desse modo, é importante pensar que a sala de aula é um espaço de construção de cultura, sem precisar reforçar uma cultura de consumo. Pensar a sala como um tempo de reflexão. Se a produção cultural também está presente nas salas de aula, então que seja olhado pra elas de forma a percebê-las como construtoras de cultura e não como um atravessamento, sem se poder fazer nada a respeito.

A partir desse ponto, proponho pensar nos artefatos culturais que estão presentes na infância, nesse caso específico, os DVDs XSPB, que estão presentes nas salas de aula na educação infantil e que se propõem como materiais educativos, que “ensinam determinados modos de ser, de ver e pensar. Que trazem ali ideias do que é entendido por educação, do que é entendido por pedagogia.

Proponho, então, uma discussão desses conceitos de educação e pedagogia que são reforçados através de imagens desses artefatos culturais, percebendo suas relações com a infância.

CULTURA VISUAL: Imagens que constituem identidades

Quando somos levados a relembrar algum momento de nossas vidas, ou quando nos questionam para lembrar algum fato, automaticamente retomamos em nossa memória as imagens do momento, as imagens do fato. Somos marcados e constituídos por imagens. Somos feitos de memória e a nossa memória é feita – basicamente – de imagens.

Para falar justamente de como as imagens vão nos constituindo, que embasei meu trabalho num campo de estudos que tem como elemento central a análise e o debate sobre os modos pelos quais as imagens, cada vez mais, vêm assumindo um papel central no social: o campo da Cultura Visual. Susana Rangel Vieira da Cunha, contextualiza esse campo de estudos, mostrando-nos que: “O precursor sobre a discussão acerca das imagens como produtores de realidades foi John Berger, crítico de arte, historiador e romancista inglês, que escreveu, 1972, o livro *Ways of seeing*, conhecido entre nós como Modos de ver. Embora os autores dessa obra não utilizem o termo “cultura visual”, suas abordagens sobre como nosso olhar é mediado pelas diferentes imagens, sejam elas da arte ou da publicidade, anunciam as reflexões da próxima década na educação e nas artes.” (2008, p.6)

O termo Cultura Visual, tem estado no campo da educação desde a publicação do livro de Fernando Hernández nos anos 2000: *Cultura Visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Assim, buscando situar esse campo, Hernández fala que cultura visual não se refere apenas a objetos, e sim a um conjunto de áreas, que envolve psicologia, sociologia e os estudos culturais. Deste modo, pode-se dizer que a Cultura Visual se concebe a partir de um processo de interdisciplinaridade entre essas áreas de estudo, e que, em seu conjunto, tem como fundamento problematizar os modos pelos quais nos constituímos como sujeitos do olhar. Para Hernández:

(...) o debate do que denominamos por cultura visual, converge uma série de propostas intelectuais em termos das práticas culturais relacionadas ao olhar e às maneiras culturais de olhar na vida contemporânea, especialmente sobre as práticas que favorecem as representações de

nosso tempo e leva-nos a repensar narrativas do passado. (2007, p.22)

Em função destas contribuições, os estudos em Cultura Visual permeiam este trabalho com o objetivo de sustentar um diálogo a respeito da importância das imagens em nossas vidas, reconhecendo que somos produzidos por múltiplas instâncias (midiática, familiar, religiosa), e as imagens – de uma forma ou de outra – compõem, de maneira decisiva, muitas delas. Pode-se dizer que os elementos que hoje atravessam a cultura afetam nossa vivência – e as imagens o fazem de modo singular, uma vez que nos posicionam no mundo perante aquilo que pensamos e acreditamos (ajudando-nos a construir, justamente, aquilo que pensamos e acreditamos), e isso sobre os mais variados temas e conceitos. Susana Rangel Vieira da Cunha, em seu texto “Cultura visual, gênero, educação e arte”, sugere exatamente este pressuposto, afirmando que: “(...) a cultura visual produz visões sobre nós, sobre os outros, a infância e sobre o mundo” (2008, p. 2).

Deste modo, trata-se da importância de perceber que as imagens veiculadas – seja pela mídia, por filmes, revistas, jornais, anúncios publicitários, outdoors, entre outros – carregam representações da cultura da qual pertencemos, e que elas se entrelaçam à maneira como vamos nos constituindo, à nossa identidade, fazendo com que nossos modos de ver e estar no mundo sejam, de certa forma, construído. Hernández (2011, p. 33) afirma que “Isso significa considerar que as imagens e outras representações visuais são portadoras e mediadoras de significados e posições discursivas que contribuem para pensar o mundo e para pensarmos a nós mesmos como sujeitos”.

Nesse sentido, falamos aqui de um campo, o da Cultura Visual, que opera sobre a cultura, sobre como as imagens, as visualidades constituem discursos, ações, crenças e significados.

A PRESENÇA DAS IMAGENS NO UNIVERSO INFANTIL

Tendo em vista as discussões lançadas acima e, sobretudo, aquelas que, de maneira mais ampla, alicerçam este trabalho, pergunto-me de que

maneiras minhas formas de ver foram construídas ao longo dos anos. Quando me proponho a pensar minha infância, logo retomo diversas imagens que fizeram parte do meu universo, como os filmes da Disney, a Barbie, os programas da Xuxa, as cores da minha casa e da minha sala de aula no Jardim – entendendo que essas imagens foram me constituindo, foram me tornando sujeito imerso em uma cultura e dotado de um tipo particular de olhar.

Trago aqui esses elementos para pensar o quanto as imagens também permeiam o universo infantil e vão criando referências sobre o mundo para elas – e sobre elas. Pensar sobre a minha infância (e isso imersa nas discussões sobre Cultura Visual), portanto, também me remete a pensar na cultura infantil que se vem sendo produzida por e pelas imagens. Atualmente, grande parte do que é dedicado à criança – seja roupa, brinquedo, ou comida – vem “amparado” por imagens que despertem o desejo da criança.

Cada vez mais vemos jogos, filmes, lojas, anúncios publicitários, voltados ao público infantil. Não há como separar aqui o modo como eles se dirigem ao público infantil e a visão de infância que, junto, acabam por colocar em circulação. Mais do que isso, em profunda articulação, imagens da infância para a infância são hoje fundamentais para a pensarmos na relação com o consumo infantil.

O que se pode problematizar em relação a essas imagens é o modo como elas acabam por fazer parte do universo infantil sem questionamentos, e se encontram em todos os ambientes em que as crianças possam circular, da casa à escola. Cunha (2005, p. 17) afirma, quanto a isso, que: “Há um consenso sobre o universo infantil, ele é aceito e compartilhado em várias instâncias sociais, e assim passa a ser “naturalizado”, como se fosse parte constitutiva das infâncias contemporâneas”.

Assim, a criança vai se tornando “ser” – também - a partir daquilo que vê, seus gostos, desejos e comportamentos vão sendo, de alguma forma, pautados a partir de imagens que se direcionam para a infância. A mídia tem sido a principal propagadora dessas imagens, já que a maioria das crianças hoje em dia tem acesso a ela, assistindo e/ou consumindo os modos de “ser criança”. Cunha (2005, p.22) aponta que: “A cultura infantil contemporânea produz e é produzida por uma cultura midiática que cria e recria significados,

não só participando da constituição das identidades, mas principalmente organizando e regulando um conjunto de práticas sociais.”

Assim, pensar que muito do que produz e é produzido em/para cultura infantil que entra nas salas de aula supõe perguntar que tipo de imagens são “entendidas” como sendo para crianças. De acordo com Cunha (2005), trata-se de pensar o quanto as imagens, especialmente aquelas que permeiam atualmente os “cenários da educação infantil”, dizem de uma “fome e cegueira visual” (ibidem, p.23): estamos tão acostumados com essa abundância de imagens que quase já não mais as enxergamos: afinal, o que vemos mais é, paradoxalmente, o mesmo.

As imagens que permeiam o universo infantil afetam os modos pelos quais a criança vai se percebendo no mundo – daí a importância de oferecermos um repertório cultural variado, pois não há como impedir que as imagens voltadas ao universo infantil para o consumo façam parte da constituição das crianças, mas é preciso fornecer a elas outras imagens variadas, problematizando aquilo que veem.

Assim, a ideia de cultura visual se insere neste trabalho com o intuito de entendermos como as infâncias vão sendo atravessadas pelas imagens e de que modo isso está implicado com formas contemporâneas de educar.

OLHANDO E APRENDENDO COM O XSPB: As imagens que educam

Com o objetivo de analisar um artefato cultural – Xuxa Só Para Baixinhos – atentando para as imagens que o compõem e, mais do que isso, para os conceitos de “educação” e de “pedagógico” nele veiculados, meu trabalho se desenvolve.

O CONTEXTO DA PESQUISA:

Foi realizada análise dos seguintes DVDS: XSPB 1, 5 e 11. Esses foram escolhidos para demonstrarem como o material se construiu e modificou no decorrer dos anos. Lançada no ano 2000, a série conta, no total, com 11 DVDs – ou seja, temos, praticamente, um DVD novo por ano. Os três DVDs selecionados foram analisados com base na construção de uma tabela, por meio da qual buscamos organizar os dados e as informações dos materiais. A ideia aqui era, de algum modo, comparar dados e perceber mais claramente a relação entre um e outro. As perguntas que norteiam a tabela e a pesquisa foram construídas em dois momentos. Num primeiro momento elas atentavam para as características do material, sendo elas: *Como se caracteriza o material? Como se apresenta o vestuário, tanto de adultos como de crianças? Como aparece a presença das crianças? Como se relacionam entre elas? Como se relacionam com os adultos que aparecem?* Assim, essas primeiras perguntas serviram para nortear um segundo momento que levaram ao rumo da pesquisa, fazendo surgir os dois eixos principais de análise: *Qual conceito de infância está presente no material? E também, qual conceito de Educação posto em circulação?*

A partir dessas perguntas norteadoras, que envolviam conceitos, cada DVD foi analisado. Num primeiro momento observando cada um separadamente, atentando para as imagens e os conceitos. Em um outro momento os três DVDs foram analisados, para justamente se estabelecer a relação que se tece entre eles com relação ao espaço temporal entre eles.

AS IMAGENS QUE EDUCAM

Esta seção de análise versa sobre dois eixos analíticos, ou seja, sobre o olhar que lançamos sobre os materiais e sobre a forma como eles se constituem. O primeiro eixo diz respeito ao conceito de educação posto em circulação por esse produto. Isso se faz importante tendo em vista o objetivo desta pesquisa: atentar para os conceitos de educação e pedagógico nele vinculados, reconhecendo a particularidade desse material.

O segundo eixo importante de análise foi o de caracterizar o conceito de infância que nele se faz presente, reconhecendo que não se trata de um tipo de infância, mas de várias infâncias, já que o material analisado é um recorte temporal.

Assim, inicio minha análise abordando o primeiro eixo, qual seja, aquele relativos aos conceitos de educação e pedagógico que aparecem no material. Embora a série seja vinculada através da mídia como uma série para divertir as crianças, quando a principal figura do material (Xuxa), relata no *makeing off* do material que ela “quer ensinar os baixinhos” (Xuxa, 2001), um conceito de “educação” se torna exposto e vinculado ao material.

Ao longo do material, percebe-se uma série de imagens que indiretamente vão construindo um “modelo de educação”, em grande parte baseado em um modelo de escola institucionalizada. Digo isto porque ao longo dos três DVDs analisados, embora os temas variem – por uma questão de mercado e de entretenimento – o “modelo de educação” que percorre nesses materiais se matem o mesmo.

Esse “modelo de educação” que se apresenta e se mantem em outros volumes valoriza um determinado tipo de educação vinculado ao modelo escolar institucionalizado (e que hoje tem se reconfigurado). Esse modelo é baseado no adulto (professor) como detector do conhecimento e a criança (aluno) o ser a receber esse conhecimento.

Esse modelo de educação, hoje já não é mais tão bem “visto” pelo meio pedagógico – já que outras teorias surgem para admitir a criança como construtora de seu conhecimento, sendo uma delas o “*construtivismo*”. Teoria essa que teve bastante impacto nos modelos educacionais no Brasil – era visto como modelo “inovador” de educação.

Em seu texto: Construtivismo: Evolução ou modismo, Sandra Mara Corazza, aponta aspectos dessa teoria que a ligam com o modelo de Educação moderna, que avalia e classifica a criança. Aponta que: “ (...) o construtivismo é uma das tantas práticas pedagógicas que, como todas as outras utilizadas na história da educação de massas, termina resultando em uma tecnologia disciplinadora.” (1996, p. 219)

Assim, esses dois modelos de “educação” aparecem no material. O modelo de construção (imagem) que se baseia num modelo “construtivista”, mas que se utiliza do conceito de educação moderno, onde o adulto detém o conhecimento e a criança é o sujeito que precisa ser ensinado. Esse ponto aparece na imagem 1:



Figura 1 (Fonte: DVD Xuxa Só para Baixinhos 1)

Ainda que não se diga explicitamente que se trata de uma sala de aula, a configuração, o cenário, a disposição entre crianças e adultos pressupõem a ideia de uma sala no “modelo construtivista”, mas o que prevalece como conceito de educação, é justamente, de uma educação que se passa do adulto para a criança. Embora a sala nos suscite a pensar um modelo construtivista de educação, a forma como é passada a educação é por meio de perguntas (feitas pela professora) que sugerem uma resposta certa (feita pelas crianças). O jogo de perguntas e resposta (certa), que marcam que quem sabe é o adulto, convive com a imagem de um outro modo de educação, baseado na construção de conhecimento.

EDUCAÇÃO x REPETIÇÃO:

Certa vez, ouvi de uma professora, enquanto eu ainda cursava o Ensino Normal, que para as crianças aprenderem “bem” o que eu queria lhes ensinar, era necessário que eu repetisse por diversas vezes a mesma atividade.

Está “ideia de educação” parece percorrer as mais diversas instâncias do meio social.

No caso específico do XSPB, a repetição também está vinculada ao conceito de Educação. Digo isso, no sentido em que se percebe nas análises que a educação se dá – para a criança – através da repetição. Nesse sentido entro em dois pontos de discussão: 1) a educação pela repetição se dá pelas falas nas músicas; 2) a educação pela repetição se dá pelo olhar.

Começo desdobrando esses pontos, retomando minha fala anterior de que a educação se dá pela repetição, mas não estou afirmando que se trata de um material repetitivo, não. É, justamente o contrário, é um material que se denomina como “diferente”, mas que traz elementos pedagógicos modernos, como este primeiro ponto: Educação pela repetição das falas nas músicas.

Como isso aparece? Ao longo dos volumes, o que aparece é uma série de “conteúdos escolares”, como: Corpo, letras, números, animais, entre outros, que se fazem presentes nas letras das músicas, mas não é uma presença “insignificante”, há ali uma música para um determinado conteúdo que se deseja “ensinar”, então as falas na música representam um jogo de pergunta que sugere uma resposta, como afirmei anteriormente, mas uma resposta certa. Os três volumes analisados apresentam esta mesma característica, e as frases que introduzem essas músicas são sempre referidas por um adulto, no caso a Xuxa, que convida a criança à “aprender” e, então se inicia a música que irá “ensinar”

O Outro ponto que proponho a desdobrar, em relação a Educação por repetição é o da Educação pela repetição através do olhar. Esse ponto é bastante interessante de ser analisado, porque me levou a pensar no quanto vamos nos “educando” através do olhar.

Então desdobro esse ponto de análise em duas partes, uma falando da imagem pelo olhar através de ações – modos pelos quais também se educa os sujeitos; e o outro através da educação pelo olhar de imagens que constituem uma cultura visual.

No primeiro caso, refiro-me a forma como os corpos são controlados no material e como nosso olhar a partir disso, vai nos educando. Como assim? Nos três DVDs analisados, existe a fala para educar – ponto que abordei anteriormente – mas, ligado a essa fala há sempre uma ação e sua imagem vai “educando” a quem assiste, já que se “mostra como deve ser feito”. Em todas as músicas há sempre o adulto (que detém o conhecimento) “ensinando” as crianças como fazer o que é estipulado pela música, então há uma “dupla” educação, porque há a fala do que se deve fazer, mas a também a imagem que reforça essa educação pela repetição – nesse caso, pela fala e pela imagem. Um exemplo disso aparece no DVD 1, quando Xuxa “ensina” a fazer o “shake, shake”, ela fala como se faz e realiza a ação:



Figura 2 (Fonte: DVD Xuxa Só para Baixinhos 1)

Nesta imagem, a Xuxa vai conduzindo as ações na música através da fala, mas também através de suas ações.

Outro ponto que trago para esta discussão da educação pela repetição através do olhar é o das imagens que compõem a cultura visual. Aqui falo das

imagens que estão presentes tanto no nosso imaginário, como no imaginário infantil, e que se reforçam através de produtos culturais.

Aqui, o que quero chamar a atenção é para as imagens estereotipadas que permanecem em circulação nesse tipo de material. Porque em todos os materiais o mesmo tipo de imagem é posto em circulação – quando falo tipo, refiro a forma de representar as imagens, como por exemplo as árvores que são representadas, todas, da mesma forma. Assim, saliento para essa questão, porque conforme argumenta Cunha (2008), as imagens “podem influenciar no modo como percebemos a realidade” (p.4)

Desse modo, pensar que essas imagens acabam por “educar” o olhar e tornam-se o “real” daquela figura, fazendo com que a criança deixe de usufruir outros repertórios visuais.



Figura 3 (Fonte: DVD Xuxa Só para Baixinhos 1)



Figura 4 (Fonte: DVD Xuxa Só para Baixinhos 1)

A(S) INFÂNCIA(S):

Outro ponto de análise que se torna interessante pensar aqui é qual o conceito de infância está em circulação neste material (que também é um produto da mídia).

Assim, é importante retomar o que temos por infância e como constituímos esse conceito atualmente. Isso se faz necessário, porque justamente o material que me proponho a analisar mostra um conceito de infância que se altera – também porque ele percorre um período em nossa história. Ou seja, não se trata de apenas um, mas de vários conceitos de infância que se colocam em diálogo nos materiais – lembrando que, geralmente, há cerca de cinco anos de diferença entre um e outro DVD selecionado para análise.

Para iniciar essa discussão começo constituindo esse conceito de infância, o qual temos atualmente.

O “sentimento de infância” o qual temos atualmente não é “natural”, ele teve seu surgimento, conforme cita Dornelles (2009), no século XVI, como uma forma de proteger a essas crianças. Narodowski (1998) fala que a infância: “ela não é um produto da “natureza”, mas uma construção histórica própria da modernidade” (p.172)

Desta maneira, mostrando-nos que o modo como percebemos o sentimento de infância hoje não é natural, mas construído historicamente. Então, a infância, como a conhecemos é um produto da modernidade, assim o conceito de infância moderno: obediente e dependente do adulto, passa a ser questionado nos tempos atuais. Narodowski (1998) mostra-nos que há uma crise nesse modo de perceber a infância moderna, porque há outros modos de se perceber o conceito de infância atualmente. Ele aponta para dois polos: 1) da infância *Hiper-realizada* - a infância da realidade virtual: “Trata-se das crianças que realizam sua infância com a internet, os computadores, os sessenta e cinco canais da TV a cabo, os videogames e que a tempo deixaram o lugar de não-saber” (p.174).

2) A infância *Des-realizada*: que é autônoma, independente, porque vive na rua e trabalha desde muito cedo. (p.174)

Assim, com esses apontamentos a respeito do conceito de infâncias meu olhar se direciona ao material XSPB, para uma percepção de que tipo de infância está sendo retratada no material.

No primeiro volume, o que vai se mostrando ao longo das imagens é que as crianças seguem ações que são conduzidas pelo adulto, são obedientes a eles. Dessa maneira, vai-se caracterizando um conceito de infância moderno, onde a criança é dependente do adulto, vai se reforçando através das imagens que circulam no material.

No DVD 5 do material esse conceito de infância não se modifica, embora tenha se passado 5 anos entre um e outro, o modo como a infância é caracterizada permanece o mesmo.

Os espaços nas relações de saber são marcados pela figura do adulto que se sobre põem a figura da criança, mostrando, sutilmente, que quem detém o saber é o adulto, assim sua figura ocupa o papel principal, e a criança é o sujeito que depende desse adulto para se constituir, e, principalmente, para “aprender”

Na figura abaixo não haveria nada de “estranho”, porque é um adulto dançando com algumas crianças, mas ao fazer todas as relações anteriormente estabelecidas, que me fazem destacar essa imagem:



Figura 5 (Fonte: DVD Xuxa Só para Baixinhos 1

Não é ela, isoladamente, que representa o que eu estava discutindo sobre os modos que a infância é representada no material, é que no seu conjunto essa imagem é mais uma que representa a obediência da criança diante do adulto, e que também mostra a relação de saber entre o adulto e a criança; porque quem “sabe” é quem “ensina”, e nesse caso, é o adulto.

Esse conceito de infância permanece constante nos materiais, até chegarmos no seu último DVD, o qual rompe essa constante.

No DVD 11, a temática é cuidado com o meio ambiente, e o cenário é uma nave espacial, de onde eles observam o planeta. Por se tratar de uma nave, o cenário apresenta-se mais “digitalizado”, com diversos recursos digitais que precisam ser manuseados, e aqui está a mudança: a criança é quem interage com esse meio “virtual e tecnológico”

Nesse momento, percebe-se um novo olhar para a infância, uma nova caracterização desse conceito. Agora é cabível que a criança se coloque em posição de saber com o adulto, e não só é obediente a ele e recebe instruções dele, mas o auxilia no “manuseio” com aparelhos digitais – poderia se dizer que até o ensina.

Desse modo, representa-se a infância não mais em um conceito moderno, mas como uma infância *Hiper-realizada* (Narodowsk, 1998), que não ocupa mais o lugar de “não-saber”

Mas isso só ocorre, no DVD 11, quando elas precisam interagir com as tecnologias da nave espacial, porque ainda, quando há a relação entre a criança e o adulto para “aprenderem” algo sobre cuidado com o planeta, a criança volta pro conceito moderno de caracterizar a infância e novamente ela é colocada como o “sujeito que precisa ser educado”.

O que se percebe é que a mudança nos tempos também influi no modo como as crianças são percebidas e representadas no material, ainda que ainda se pense nessa infância como devendo ser “educada”, leva-se em conta as características do tempo, afinal, que criança hoje não sabe mexer em um computador? Ou em um Smartphone? Ou que “ensinam” a adultos a interagir com as novas tecnologias?

Essa compreensão de que a infância hoje não é a mesma de tempo atrás é levada em conta, mas ainda assim, a infância é percebida no seu

conceito originário, como sendo aquela que precisa ser educada, cuidada, obediente ao adulto.

CONTRIBUIÇÕES COM OUTRAS NARRATIVAS:

Ao analisar esses DVDs o que muito se destaca é a maneira e a preocupação em “educar” – que procurei analisar e desenvolver anteriormente. Mas, tudo que se propõe a ser ensinado no XSPB não caí de paraquedas nesse material, eles vem de uma ligação aos conteúdos escolares, como por exemplo: números, letras, regras de convivência, corpo, entre outros, são conteúdos trabalhados na escola.

Assim, me retomo muito a Educação Infantil, onde, embora seja concebida como um espaço para vivências e experiências, lá esses conteúdos já são vistos e trabalhados como “importantes”; e esses artefatos culturais que acabam se atravessando ao meio escolar, trazem em si tais conteúdos, como sendo próprios para a criança.

Aqui, então, reflito e procuro contribuir com questionamentos que posam ser pensados para a escola, a partir de uma perspectiva de uma cultura visual. Percebendo que as imagens devem e podem ser utilizadas de maneira a expandir o sentido da educação. Assim como, os projetos que se utilizam de imagens, podem ser realizados como geradores de práticas num processo de indagações.

É importante fazer com que o aluno se perceba nesse processo, percebendo o que ele vê e o que tem dela no que ela vê, fazendo com que se percebam, mas também que se relacionem com o meio que envolve aquelas imagens.

Considerações Finais:

O presente trabalho se desenvolve a dialogar e refletir sobre questões no campo da Cultura Visual, que se ligam a questões de sala de aula, mais especificamente a salas de Educação Infantil.

No decorrer da escrita, busco perceber o quanto a infância contemporânea é marcada por uma cultura visual. Para essa análise e reflexão, busquei embasamento teórico nos estudos sobre Cultura visual.

Minha intenção nessa escrita era de “enxergar” os elos de ligação entre a cultura visual e a infância contemporânea, no entanto os estudos me apontaram que não há um ponto exato que marque uma ligação entre ambos. O que ocorre é que nossa cultura não é estática, vamos nos modificando ao passar dos tempos, e nossas modificações influem na cultura infantil, na infância que nos cerca.

Então, percebe-se ao longo do desenvolver deste trabalho, que as relações de mundo são muito estreitas com as relações no campo da educação, sendo assim, o mundo que nos cerca é parte de nosso aprendizado – daquilo que nos constitui como sujeitos – mas também, parte do processo de nossa produção cultural e de significados para ele (o nosso “mundo”).

Portanto, é importante se estabelecer relações com a nossa cultura e como pensamos sobre e produzimos sobre.

A cultura visual não é uma parte do mundo que nos cerca, ela é mundo que nos cerca. Assim, questões ligadas a cultura visual devem ser debatidas e problematizadas em salas de aula, num processo de compreensão de nossa cultura.

Compreender que não se trata aqui de falar (e criticar), somente, os artefatos culturais que se entrelaça a infância criando um repertório infantil, mas de uma reflexão desses artefatos que se inserem nesse campo (educação) e tantos outros, afim de “ditarem” modos de ver e ser dessa infância.

REFERÊNCIAS:

BARROS, Jefferson. Xuxa, a deusa da infertilidade. In: BARROS, Jefferson. **O Caleidoscópio Eletrônico: Visões Críticas da Televisão Brasileira**. Rio de Janeiro. Livrarias Taurus-Timbre Editoras, 1989. P.17-19

BUCKINGHAM, David. **Crescer na era das mídias eletrônicas**. São Paulo. Edições Loyola, 2007.

CORAZZA, Sandra Mara. **História da Infância sem fim**. Ijuí. Editora Injuí, 2000.

CORAZZA, Sandra Mara. **Construtivismo: Evolução ou Modismo?** In: Revista Educação & Realidade. Porto Alegre 1996. v:21

CUNHA, Susana Rangel Vieira. **Infância e cultura visual**. In: *31ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd)*, Caxambu, Minas Gerais, 2008. P. 1-24.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. **Educação e cultura visual: Uma trama entre imagens e infância**. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. BUJES, Maria Isabel Edelweiss. Alguns modos de significar a Infância. In: DORNELLES, Leni Vieira. BUJES, Maria Isabel Edelweiss (ors.) **Educação e Infância na era da informação**. Porto Alegre, Mediação, 2012.

DORNELLES, Leni Vieira. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis: Vozes, 2005.

DORNELLES, Leni Vieira. Artefatos culturais: Ciberinfâncias e crianças zappiens. In: DORNELLES, Leni Vieira. BUJES, Maria Isabel Edelweiss (ors.) **Educação e Infância na era da informação**. Porto Alegre, Mediação, 2012.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação: Fruir e pensar a TV.** Belo Horizonte. Autêntica. 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Imagens da mídia, Educação e experiência. In: FANTIN, Monica. GIRARDELLO, Gilka. **Liga, Roda, Clica: Estudos em mídia, cultura e infância.** Campinas, Papyrus, 2008.

HERNÁNDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. In: MARTINS, Raimundo e TOURINHO, Irene (Orgs.) **Educação da Cultura Visual: Conceitos e contextos.** Santa Maria. Editora da UFSM, 2011 – p. 31-49.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Do qué hablamos cuando hablamos de cultura visual?** In: Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, 2005. V:30.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre. Editora Artes Médicas. 2000.

MOMO, Mariangela. Mídia, consumo e os desafios de educar uma infância pós-moderna. In: DORNELLES, Leni Vieira. BUJES, Maria Isabel Edelweiss (ors.) **Educação e Infância na era da informação.** Porto Alegre, Mediação, 2012.

SODRÉ, Muniz. Xuxa de Neves e seus Baixinhos. In: SODRÉ, Muniz. **O Brasil Simulado e o real. Ensaio sobre o cotidiano nacional.** Rio de Janeiro. Rio Fundo Editora, 1991, p. 41-43.

XUXA Só Para Baixinhos. Direção geral: Marlene Mattos. Produção: Zé Henrique. Rio de Janeiro. DVD v:1. 2001.

XUXA Só Para Baixinhos. Direção: Blad Meneghel. Produção: Luiz Cláudio Moreira e Mônica Muniz. Rio de Janeiro. DVD v:5. 2005.

XUXA Só Para Baixinhos. Direção: Paulo de Barros. Produção: Luiz Cláudio
Moreira e Mônica Muniz. Rio de Janeiro v:11. 2011.